

A poesia brasileira em Portugal

Arnaldo Saraiva

Durante séculos, os poetas brasileiros não foram mais lidos e conhecidos no Brasil do que em Portugal. Por razões óbvias: ou porque nasceram em Portugal, ou porque viveram e estudaram em Portugal, ou porque em Portugal eram editados e em Portugal circulavam até em manuscritos. Bento Teixeira, Gregório de Matos, Cláudio Manuel da Costa, Tomás António Gonzaga e tantos outros poetas integrados no cânone brasileiro só por preconceito, ignorância ou distração moderna podem ser expulsos do cânone português. E há até casos de brasileiros que se fixaram e celebraram em Portugal, não no Brasil, como Domingos Caldas Barbosa e Francisco de Melo Franco. A independência brasileira não implicou rupturas gerais e imediatas na circulação dos poetas brasileiros em Portugal. Gonçalves Dias estudou em Coimbra, de onde datou a sua famosa "Canção do Exílio"(1843), e onde fez amizades e admirações duradouras; Casimiro de Abreu, filho de português, em Portugal viveu cerca de quatro anos, durante os quais "nasceu" publicamente para a poesia e para a fama; e houve até brasileiros que participaram nas lutas parnasianas ou simbolistas portuguesas, como Gonçalves Crespo, que em Portugal se fixou aos 14 anos, e como os que Pedro da Silveira chamou "últimos luso-

-brasileiros": Silva Ramos, Luís Guimarães Júnior (que morreu em Lisboa em 1898), Luís Guimarães Filho, Francisco Bastos, Gustavo Santiago. Nos finais do séc. XIX ainda eram numerosos os poetas brasileiros bem conhecidos em Portugal, onde, além dos citados, viveram largos meses ou anos os diplomatas Araújo Porto-Alegre, Raimundo Correia, Guerra Duval, e por onde passaram, por exemplo, Sílvio Romero e Olavo Bilac. Estes e outros (Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu...) foram editados em Portugal, às vezes com grande sucesso, ou colaboraram na imprensa portuguesa. No ano da sua estreia em livro, em 1888, Olavo Bilac publicou vários poemas no *Jornal de Notícias*, que nesse mesmo ano começou a editar-se no Porto. Mas já no ano anterior aparecia no *Almanach das Senhoras para 1888*, também do Porto, o seu poema "Na gruta", que não consta da *Obra Reunida* publicada em 1996 pela Nova Aguilar. Em jornais, em revistas, em almanaques portugueses não é difícil encontrar colaboração poética de brasileiros, entre os quais Machado de Assis, Guimarães Passos, Raimundo Correia. Mas os brasileiros também comparecem em antologias como a que em 1877 publicou Teófilo Braga com o título *Parnaso Português Moderno* (Álvares de Azevedo, Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu, Junqueira Freire, Gonçalves

de Magalhães, Fagundes Varela, Castro Alves, Bernardo Guimarães, Machado de Assis, entre outros) e como a que em 1879 publicou Camilo Castelo Branco com o título *Cancioneiro Alegre de Poetas Portugueses e Brasileiros* (Caetano Filgueiras, Gonçalves Crespo, Álvares de Azevedo, Franco de Sá, Sousândrade, Correia de Almeida, Gonçalves Dias, Meneses Paredes, Moniz Barreto, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela, Visconde da Pedra Branca), sendo também relevante o facto de Antero de Quental ter incluído no seu *Tesouro Poético da Infância*, de 1883, poemas de Gonçalves Crespo, Casimiro de Abreu, Gonçalves Dias, Junqueira Freire, Laurindo Rabelo, Lúcio de Mendonça, Álvares de Azevedo, Machado de Assis, Fagundes Varela. Mas ainda antes de findar o século seriam editados em Portugal três importantes estudos sobre a poesia brasileira: O *Lirismo Brasileiro* (Lisboa, 1877) da autoria do maranhense José António de Freitas, que viveu em Lisboa, onde concluiu um curso de artilharia e um curso de letras, e que pretendeu "fazer uma aplicação dos métodos das ciências naturais à Literatura", valendo-se de exemplos de poetas antigos (sobretudo dos trovadores) e modernos, tais como Álvares de Azevedo, Fagundes Varela, Casimiro de Abreu, Junqueira Freire; *Poetas Brasileiros* (Porto, 1895), do português Teixeira Bastos, que reúne textos publicados anos antes num diário de S. Paulo e consagrados a Raimundo Correia, Alberto de Oliveira, Valentim Magalhães, Fontoura Xavier, Teófilo Dias, Múcio Teixeira, Isidoro Martins Júnior, Silvio Romero, Filinto de Almeida e Hugo Leal; e *A Literatura Brasileira* (Lisboa, 1896) do carioca Valentim Magalhães, misto de estudo e de antologia, sobretudo de poetas (já que, dizia, "o Brasil é uma terra de poesia, um ninho enorme de poetas"), entre os quais Álvares de Azevedo, Fagundes Varela, Castro Alves, Laurindo Rabelo, Bernardo Guimarães, Junqueira Freire, Machado de Assis, Bilac, Raimundo Correia, Luís Delfino, Alberto de Oliveira, etc. Em 1893 apareceu em Coimbra a revista *A Reacção*, dirigida pelo brasileiro Gustavo Santiago, e com colaboração de Raimundo Correia, Bilac, Alberto de Oliveira; em 1895 apareceu também em Coimbra a "revista internacional"

Arte, de Eugénio de Castro e Manuel da Silva Gaio, que no seu primeiro número manifestava o desejo de "dar nos próximos números desta publicação uma completa resenha do movimento literário da grande república sul-americana". Na realidade, poucas foram as suas referências à literatura brasileira; e embora esta continuasse a ser contemplada noutras publicações, como a quase homónima *A Arte* portuense, que num número de 1898 publicou um informado ensaio de Fran Paixeco sobre "a beletrística brasileira", ou embora entre 1890 e 1910, como salientou Brito Broca em *A Vida Literária no Brasil - 1900*, se notasse o interesse de algumas editoras portuguesas, nomeadamente a Lello, pela publicação de autores brasileiros, no início do séc. XX começava a sentir-se uma gradual distanciação entre as literaturas e culturas de Portugal e do Brasil, a ponto de o referido Pedro da Silveira ter suposto que foram Os *Últimos Luso-Brasileiros* (1981) os poetas brasileiros que, como Francisco Bastos, participaram na vida literária portuguesa nas últimas décadas do séc. XIX. Para essa distanciação contribuíram também várias polémicas luso-brasileiras à volta de questões e questões do nacionalismo, ou do nacionalismo literário, da língua e da ortografia. Pensemos, por exemplo, na polémica Alencar / Pinheiro Chagas, na polémica provocada pelo *Cancioneiro Alegre* de Camilo, na polémica Silvio Romero / Teófilo Braga, e não esqueçamos a polémica que em 1894 envolveu o governo português e Floriano Peixoto, que originou a primeira (e até hoje única) ruptura, por um ano, de relações diplomáticas entre os dois países. Mas se houve muitos brasileiros e alguns portugueses que então ou depois, sobretudo no período modernista, favoreceram ou teorizaram a distanciação entre as duas culturas e literaturas, também houve os que se empenharam em mantê-las associadas ou próximas, e em impedir o desconhecimento de cada uma no outro lado do Atlântico. Logo em 1909 aparecia em Lisboa *O Livro das Crianças Portuguesas e Brasileiras*, coordenado por D. João da Câmara, José António de Freitas, Maximiliano de Azevedo e Raul Brandão, onde exemplarmente alternam as referências ao Brasil e a

Portugal, onde poemas de Raimundo Correia, Olavo Bilac, Luís Guimarães Júnior, Álvares de Azevedo, Gonçalves Dias, Castro Alves, Casimiro de Abreu convivem com poemas de Eugénio de Castro, João de Deus, Guerra Junqueiro e João de Lemos. E também em 1909 publicava Bettencourt Rodrigues em Lisboa a conferência que fora fazer a S. Paulo sobre *Os Sentidos e a Emoção Nalguns Poetas Portugueses e Brasileiros* - onde referia Castro Alves, Bilac, Vicente de Carvalho, Luís Guimarães, Baptista Cepelos.

Não é possível aqui e agora dar conta minuciosa da presença da poesia brasileira em Portugal ao longo do séc. XX. Limitar-nos-emos pois a abordar sucintamente alguns aspectos dessa presença.

1) FASES

A abertura de Portugal à literatura ou à poesia brasileira conheceu por diversas razões momentos mais e menos eufóricos. Os períodos mais favoráveis foram as décadas de 1930, 1960 e 1990. Na década de 1930, isso deveu-se sobretudo à acção do brasileiro Ribeiro Couto e dos portugueses José Osório de Oliveira, Adolfo Casais Monteiro e Vitorino Nemésio, ligados respectivamente às revistas *Descobrimento*, de que em 1931-1932 se publicaram 7 números, *Presença*, mais de meia centena de números publicados entre 1927 e 1940, e *Revista de Portugal*, 10 números publicados entre 1937-1940; além de notícias e críticas sobre obras ou autores brasileiros, nessas revistas encontramos poemas de Manuel Bandeira, Ronald de Carvalho, Ribeiro Couto, Cecília Meireles, Jorge de Lima, Vinicius de Moraes, Adalgisa Nery, Alphonsus de Guimaraens Filho, Murilo Mendes. O invulgar interesse pela poesia (e literatura) brasileira prolongou-se pelos anos 40, tendo Duarte de Montalegre publicado em 1945 um *Ensaio sobre o Parnasianismo Brasileiro*, seguido de uma breve antologia.

Na década de 1960, a divulgação da poesia brasileira em Portugal deveu-se sobretudo à acção do diplomata Alberto da Costa e Silva, ao Centro Brasileiro do Livro, que em várias livrarias exhibia ou vendia livros brasileiros, e, indirectamente, à editora Livros do Brasil, que publicou muitos

prosadores, incluindo Guimarães Rosa, Clarice Lispector e Gilberto Freyre, mas só publicou poesia de Ribeiro Couto e Odylo Costa, Filho, menos do que a poesia brasileira publicada por outras editoras sem colecções brasileiras, como a Portugália Editora e a Moraes Editores.

Na década de 1990, o ensino de literatura brasileira em várias universidades, o interesse de vários editores, o número crescente de emigrantes e de turistas brasileiros em Portugal, os encontros pessoais de poetas portugueses e brasileiros, até em colóquios internacionais e até pela internet, determinaram um bem maior e mais actualizado conhecimento português da poesia brasileira.

2) REVISTAS

Prosseguindo uma tradição do séc. XIX, ao longo do séc. XX foram publicadas em Portugal várias revistas de cultura e de literatura que se quiseram luso-brasileiras, e que alguns serviços prestaram à divulgação da poesia brasileira. *A Águia* (1910-1932), que chegou a ser composta no Rio, publicou, por exemplo, Vicente de Carvalho, Gonzaga Duque, Homero Prates, Ronald de Carvalho. *Orpheu* (1915-1916), que no primeiro de dois números publicados aparecia sob a direcção do português Luís de Montalvor e do brasileiro Ronald de Carvalho - que a teriam concebido em Copacabana -, só pôde publicar poemas do mesmo Ronald e de Eduardo Guimaraens. *Atlântida* (1915-1920), dirigida pelo português João de Barros e pelo brasileiro João do Rio, dizia que reunia "os maiores escritores, críticos e artistas do Brasil e de Portugal", mas, algo conservadora, em matéria de poesia brasileira não foi além de Bilac, Carlos Maul, Hermes Fontes e Ronald de Carvalho. *Atlântico* (1942-1950), também com direcção luso-brasileira de António Ferro (na realidade, mais do secretário José Osório de Oliveira) e de Lourival Fontes (ou outros brasileiros), publicou poemas de Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Manuel Bandeira, Vinicius de Moraes e até de Tristão de Athayde, em "estreia poética". Nos anos 50 várias revistas sem projecto luso-brasileiro (como as anteriores e citadas *Descobrimento* e *Revista de Portugal*) requisitaram a colaboração

de poetas brasileiros. Na *Távola Redonda*, por exemplo, apareceram Bandeira, Jorge de Lima, Cecília, Teresinha Éboli, Wilson Rocha, Rui Rodrigues. Mas *Quatro Ventos* (1954-1960), não só teve direcção e colaboração portuguesa, brasileira e galega como dedicou um número especial (o 8/9 de sua primeira série, em 1956) à nova poesia brasileira. *Colóquio* ou *Colóquio-Letras* (1959 até hoje), embora sem director brasileiro, teve sempre correspondentes e colaboradores brasileiros, com ensaios, críticas e poemas, e já dedicou números especiais, ou quase, a poetas como Murilo Mendes e João Cabral. Nos dois números anteriores de *Terceira Margem* (1998-1999), toda consagrada à literatura brasileira, há, além de ensaios e críticas de poesia, inéditos de João Cabral de Melo Neto, Augusto de Campos, Amando Freitas Filho, Manoel de Barros, Marly de Oliveira e Nelson Asher. Eventualmente outras publicações têm prestado atenção especial à literatura ou à poesia brasileira; a última foi a revista *Relâmpago*, n.º 7, de Outubro de 2000, onde há poemas de António Cícero, Amando Freitas Filho, Eucanaã Ferraz, Leonardo Fróes, Paulo Henriques Britto e Waly Salomão e ensaios sobre Ferreira Gullar e Adélia Prado e sobre alguns aspectos da poesia brasileira actual. A partir do seu número 11 (2.º semestre de 2001) a revista carioca de poesia *Inimigo Rumor* passou a ser luso-brasileira não só na colaboração mas também na direcção e na edição, partilhada por Sette Letras (Rio), pela Cotovia (Lisboa) e pela Angelus Novus (Braga-Coimbra), editoras que contam com o apoio do Instituto Português do Livro e das Bibliotecas.

3) ANTOLOGIAS

A associação que no séc. XIX faziam de poetas portugueses e brasileiros alguns cancioneiros, parnasos, antologias ou florilégios portugueses prosseguiu também no séc. XX: veja-se por exemplo *O Livro das Cortesãs* (Lisboa, 1916; 3.ª ed., 1929), de Albino Forjaz de Sampaio e Bento Mântua, *Os Cem Sonetos* (1920), com prefácio de Mayer Garção, *Poetas Satíricos, Moralistas e Parodistas* (Lisboa, 1926?), de Nuno Catarino Cardoso, onde figuram 14 brasileiros. Mas exclusivamente dedicadas à poesia brasileira publicaram-se desde os

meados do séc. XX várias antologias, a saber: *As Melhores Poesias Brasileiras* (Lisboa, 1943), organizada pelo poeta e secretário da revista *Presença* Alberto de Serpa, que de Anchieta a Vinicius seleccionou 54 poetas, alguns representados com 4 ou 5 poemas; *Pequena Antologia da Moderna Poesia Brasileira* (Lisboa, 1944), organizada por José Osório de Oliveira, que seleccionou 31 poetas, a começar por Adalgisa Nery e a acabar também em Vinicius; *Líricas Brasileiras* (Lisboa, 1954?), organizada pelo mesmo José Osório de Oliveira, que a iniciou em Gonçalves Dias e a terminou com Ledo Ivo, incluindo ao todo 68 poetas; *A Nova Poesia Brasileira* (Lisboa, 1960), organizada por Alberto da Costa e Silva, que seleccionou 98 poetas das gerações de 45 e concretista; *Poesia Concreta* (Lisboa, 1962), também organizada por Alberto da Costa e Silva (embora o não diga), que transcreveu o "Plano-piloto para poesia concreta" e poemas de Augusto de Campos, Décio Pignatari, Haroldo de Campos, José Lino Grunewald, Manuel Bandeira, Pedro Xisto, Ronaldo Azeredo e Wladimir Dias Pino; *Antologia da Nova Poesia Brasileira* (Lisboa, 1967), organizada por Fernando Ferreira de Loanda, que nela reuniu 17 poetas, de Mauro Mota a Octávio Mora; *Antologia da Poesia Brasileira* (Lisboa, 1971), organizada por José Valle Figueiredo, que contém poemas de 91 poetas, desde Bento Teixeira a Affonso Romano de Sant'Anna; *Antologia da Novíssima Poesia Brasileira* (Lisboa, 1979?), organizada por Gramiro de Matos e Manuel de Seabra, que associa 48 poetas das tendências concreta, práxis, poema/processo e marginal; *Antologia da Poesia Brasileira* (Porto, 1984), organizada e anotada por Alexandre Pinheiro Torres, que juntou, em 3 longos volumes, 41 poetas, de Anchieta a João Cabral, abundantemente representados (de Drummond, por exemplo, há mais de uma centena de poemas); *Antologia da Poesia Brasileira Contemporânea* (Lisboa, 1986), organizada por Carlos Nejar, que nela integrou 52 poetas "da geração de 45 à de 70 (chegando a 79)", afastando-se "deliberadamente, do vazio formalismo experimental e de todos os ismos"; *Brasil 2000 - Antologia de Poesia Contemporânea Brasileira* (Coimbra, 2000), organizada por Álvaro Alves de Faria, com 40 poetas começando

alfabeticamente por Adélia Prado e Affonso Romano e terminando em Ruy Espinheira Filho, Susana Vargas e Teresa Cristina da Motta. Entretanto publicaram-se também duas antologias "regionalistas"; uma *NOR destina* (Lisboa, 1994) organizada por Pedro Américo de Farias, que juntou 53 poetas do Nordeste, e a outra, *Antologia dos Poetas Paulistas* (Lisboa, 2001), organizada por Mariazinha Congílio que nos referenciou 27 poetas. Mas convém não esquecer que há poetas em antologias que são também de prosa, como *A Posse da Terra - Escritor Brasileiro Hoje* (Lisboa, 1985), entrevistas e selecção de textos por Cremilda de Araújo Medina, e como *Literatura Portuguesa e Brasileira — Ano 2000*, organizada por João Almino e Arnaldo Saraiva, com textos de 52 autores que participaram num Congresso realizado no Porto. No início de 2001 foi publicada em Almada a antologia *Quanta Terra!!!*, que em subtítulo diz "Poesia e Prosa Brasileira Contemporânea" mas na realidade só tem prosa de Fernando Fábio Fiorese, porque o mais é poesia de Alexei Bueno, Affonso Romano de Sant'Anna, Iacyr Anderson Freitas, Ledo Ivo, Renata Pallottini e Vera Lúcia Vieira, poetas e poesia da escolha de Amadeu Baptista. Já em 2002 foi publicada em Lisboa *Poesia Brasileira do Século XX - Dos Modernistas à Actualidade*, da responsabilidade de Jorge Henrique Bastos, que reuniu 60 poetas.

4) POETAS EDITADOS

O sucesso dos poetas brasileiros em Portugal nem sempre se deveu ao seu mérito absoluto ou relativo, porque dependeu naturalmente de circunstâncias da divulgação ou circulação da sua obra, mesmo que só entre elites, ou da sua passagem mais ou menos pública por Lisboa, Porto e Coimbra; não admira que os editores portugueses, às vezes ignorando os melhores poetas, tenham editado livros de poetas que eram conhecidos políticos, diplomatas ou professores - como José Sarney (*Marimbondos de Fogo*, 1986), Odylo Costa, Filho (*Tempo de Lisboa e Outros Poemas*, 1967), Guilhermino César (*Lira Coimbra e Portulano de Lisboa*, 1965). Entre os poetas editados citem-se Ribeiro Couto (*Longe*, 1961), Jorge de Lima (*Antologia Poética*, organizada por António Rebordão

Navarro, 1964), Manuel Bandeira (*Manuel Bandeira*, 1943, estudo e antologia de Adolfo Casais Monteiro, *Obras Poéticas*, 1956, *Poesias*, 1968, organizada e introduzida por Adolfo Casais Monteiro), Carlos Drummond de Andrade (*Antologia Poética*, 1965, organizada por Massaud Moisés, *60 Anos de Poesia*, 1985, e *65 Anos de Poesia*, 1989, organizadas por Arnaldo Saraiva, *Obra Poética* em 8 volumes, 1989, *O Amor Natural*, 1993, *Farewell*, 1997, e *Antologia Poética*, 2001, da responsabilidade do autor), Cecília Meireles (*Antologia Poética*, 1968, escolha e comentários de Francisco da Cunha Leão e de David Mourão-Ferreira), Murilo Mendes (*Tempo Espanhol*, 1959, e *Antologia Poética*, 1964, da responsabilidade do autor), Vinicius de Moraes (*Antologia Poética*, 2001, da responsabilidade do autor), João Cabral de Melo Neto (*Quaderna*, 1960, *Poemas Escolhidos*, 1963, selecção de Alexandre O'Neill, *Poesia Completa*, 1986 - e também *Poesia e Composição*, 1982), Carlos Nejar (*Dois Poetas Novos do Brasil — antologia com Armindo Trevisan —*, 1972, *A Idade da Eternidade*, 1981, e *A Idade da Eternidade - Poesia Reunida*, 2001), Gilberto Mendonça Teles (*Plural de Nuvens*, 1984, *Falavra*, 1990), Álvaro Alves de Faria (*20 Poemas Quase Líricos e Algumas Canções para Coimbra*, 1999), Pedro Lyra (*Musa Lusa*, 1988), e Carlito Azevedo (*Sob a Noite Física*, 2001). Nos últimos anos, vários editores, antigos e novos como a Dom Quixote, a Antígona, a Cotovia, Quasi e Íman manifestaram interesse pela poesia brasileira das últimas décadas. Depois de publicar Manoel de Barros (*O Encantador de Palavras*, 2000, e *Ensaios Fotográficos*, 2001), Gustavo Arruda (*O Céu de Todas as Cidades*, 2001) e Eucanaã Ferraz (*Desassombro*, 2002), Quasi prepara-se para lançar Ferreira Gullar e Regis Bonvicino, e empenha-se na edição de Cecília Meireles e outros. A Cotovia entrou no projecto de *delinimigo Rumor* e, tendo publicado alguns jovens ficcionistas brasileiros, vai editar Adélia Prado, que também parece interessar a Antígona, editora da antologia de Jorge Henrique Bastos. E a Íman acaba de publicar *Ó Serdespanto*, de Vicente Franz Cecim.

5) POETAS DE MAIOR SUCESSO OU INFLUÊNCIA

Se nos finais do séc. XIX era Casimiro de Abreu o poeta brasileiro mais lido

em Portugal, nas primeiras décadas do séc. XX essa honra coube certamente a Olavo Bilac, que, como disse, cedo iniciara a sua colaboração na imprensa portuguesa, que esteve em Portugal em 1890-1891, em 1904, em 1912-1913 e em 1916, quando a revista *Atlântida* realizou em sua honra um retumbante banquete, e que, além do mais, era autor de poemas que não podiam deixar de cativar os portugueses, como o célebre (e algo desentendido) soneto à língua portuguesa e como o poema *Sagres* - que no correcto entendimento de Ariano Suassuna terá tido ecos na *Mensagem* de Pessoa. Lembre-se a propósito que em 1964 e 1966 José Régio fez uma antologia dos melhores poemas de Gonçalves Dias e de Bilac, e que em 2001 o Centro de Estudos Bocageanos editou o estudo de Bilac sobre Bocage.

Na década de 1920 e começos da década de 1930 o poeta brasileiro que mais seduzia os portugueses - e os brasileiros - não era um modernista, mas o "sertanejo" Catulo da Paixão Cearense, que circulava em livros importados mas também em recitais, e sobre o qual escreveram elogios hiperbólicos escritores como Júlio Dantas, Malheiro Dias, António Botto, Carlos Queirós, entre outros, tendo o próprio Fernando Pessoa, que pensou editá-lo e que o citou num poema, defendido, em conversa com Carlos Queirós, que ele era o "único poeta vivo" de língua portuguesa "cuja obra, com os seus evidentes defeitos, correspondia às condições fundamentais" do Prémio Nobel. Catulo nenhuma influência exerceu em poetas portugueses de mérito. Já o mesmo não se diria de Manuel Bandeira e de Carlos Drummond de Andrade, poetas que desde os fins da década de 1930 gozaram do maior prestígio em Portugal, deixando claras marcas até em poetas importantes como Jorge de Sena, que escreveu num texto recolhido em *Estudos de Cultura e Literatura Brasileira*: "Quem primeiro me ensinou, e a outros que aprenderam ou não a lição, que a poesia escrita em português podia ao mesmo tempo ser libérrima e disciplinada, intelectual e puramente sensível, e embebida de uma profunda humanidade sem limites no espaço e no tempo da vida, como o tão grande Pessoa - homem sem amor - não nos podia dar? Bandeira, e logo ao

lado dele, Carlos Drummond de Andrade." Não é aqui o lugar para fazer o largo inventário dessas marcas, ou das críticas, das citações, das imitações, das glosas e das homenagens poéticas de que ambos foram objecto em Portugal ou nas antigas colónias portuguesas de África.

Outros poetas deixaram marcas na poesia portuguesa, como Murilo Mendes, Vinicius e Cecília Meireles, muito apreciada já em Portugal quando no Brasil ainda a desvalorizavam por causa da sua "dicção lusitanizante". Mas nos anos 60 o magistério desses poetas foi repartido com outros, especialmente com João Cabral de Melo Neto, imitado até por Sophia Andresen, e com os concretistas, de que Melo e Castro se fez arauto. Nas últimas décadas as influências mais notórias são as de muitos "letristas" de canções - poucos dos quais merecerão, como merece Caetano Veloso, o nome de "poetas".

6) CRÍTICOS

A atenção sistemática à literatura brasileira contemporânea começou em Portugal com José Osório de Oliveira, filho da escritora Ana de Castro Osório, e do poeta Paulino de Oliveira, que as convicções republicanas tinham levado para o Brasil. Com o seu livro *Literatura Brasileira*, de 1926, introduz em Portugal alguns dos modernistas, de que também falou ligeiramente o brasileiro Manoel de Sousa Pinto em *Poesia Moderníssima do Brasil* (Coimbra, 1930); e em artigos de jornal ou de revista e na sua *História Breve da Literatura Brasileira* (1939) esforçou-se - até se cansar e dizer um ressentido "adeus" - por acompanhar o movimento literário brasileiro, tendo publicado em 1943 o estudo, acompanhado de uma pequena antologia, *A Poesia Moderna do Brasil*. Os dois principais críticos da *Presença*, João Gaspar Simões e Adolfo Casais Monteiro, mantiveram-se até ao fim da vida atentos à poesia do Brasil, país para onde o segundo se exilou em 1954. Em *Crítica II* (1961) e em *Literatura, Literatura, Literatura...* (1964), por exemplo, Simões dedica estudos a Murilo Mendes, Cecília Meireles, Ledo Ivo, Manuel Bandeira, Jorge de Lima, Ribeiro Couto, Drummond, João Cabral, e à poesia concretista ou à nova poesia brasileira. E em *Figuras e Problemas da Literatura Brasileira Contemporânea* (1972) Casais

ocupa-se de Mário de Andrade, Bandeira, Drummond, Cecília, Ribeiro Couto, Jorge de Lima, Dantas Motta, Cassiano Ricardo e também do concretismo e da poesia popular... Menos regularmente, outros ensaístas, críticos ou professores, às vezes tão qualificados como Vitorino Nemésio e Jorge de Sena, se empenharam no estudo e na divulgação da poesia brasileira em livros, em jornais e revistas como a *Colóquio-Letras* ou o *Jornal de Letras* e naturalmente em aulas. Note-se aliás que nas últimas décadas foram apresentadas em universidades portuguesas algumas teses sobre poetas brasileiros como Drummond (Arnaldo Saraiva), Basílio da Gama (Vânia Chaves), Cecília Meireles (Margarida Gouveia), Santa Rita Durão (Gilberto Moura), João Cabral (Rosa Maria Martelo e António José Ferreira Afonso) e Murilo Mendes (Joana Matos Frias).

7) OUTROS ASPECTOS

Quase no fim da vida, Bandeira sentia alguma frustração por nunca ter estado em Portugal. Mas muitos poetas do Brasil tiveram uma relação directa com Portugal, onde - por exemplo - nasceram Domingos Carvalho da Silva, Fernando Lemos, Eudoro Augusto, Fernando Paixão, onde viveram por algum tempo filhos de portugueses como Carlos Pena Filho e Bandeira Tribuzi, mas também Ribeiro Couto, Olegário Mariano, Murilo Mendes, João Cabral, Alberto da Costa e Silva, Carlos Nejar, Gilberto Mendonça Teles, Marly de Oliveira, Ildásio Tavares, Ivan Junqueira, Pedro Lyra, Alexei Bueno, e por onde passaram às vezes com alguma demora Oswald de Andrade, Cecília, Vinicius, Haroldo de Campos, Ferreira Gullar, Adélia Prado, Francisco Alvim, Bruno Tolentino, Lucila Nogueira, Nelson Ascher, Adriano Espínola...

As viagens ou o sangue tiveram certamente algumas consequências para a produção e divulgação da poesia brasileira em Portugal. Baste citar o exemplo de Cecília que, neta de açorianos, casou com um português e visitou Portugal em 1934, aqui editando em 1935 o precioso estudo-antologia *Notícia da Poesia Brasileira*, que cerca de dez anos depois teria no Brasil a contrapartida dos *Poetas Novos de Portugal*. Viagens e afinidades determinaram

também interessantes trocas de correspondência, até em verso, como a que em *Correio Sentimental* (Rio, 1953) publicaram Olegário Mariano e Silva Tavares, ou em *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* (Porto, 1954) publicaram Alberto de Serpa, Campos de Figueiredo, Drummond, Francisco Costa, José Régio, Manuel Bandeira, Pedro Homem de Melo e Ribeiro Couto. Recorde-se que em Barcelona João Cabral chegou a idealizar com Alberto de Serpa uma publicação, de que só saiu um número, *O Cavalo de Todas as Cores* (1950), onde apareceram poemas de Pedro Homem de Melo, um ensaio de José Régio sobre "Poesia" e "A bomba atómica" de Vinicius.

CONCLUSÃO

As informações e observações que aí ficam - e que naturalmente não podem nem pretendem ser exaustivas - provam que a poesia brasileira do séc. XX foi chegando a Portugal, mas não decerto de modo sistemático e em termos satisfatórios, sobretudo quando se pensa que ela é escrita em português, mesmo que em norma distinta da de Portugal (o que nalguns casos pode afastar da sua leitura o linguisticamente desinformado leitor comum). Nenhum livreiro ou editor, e nenhuma instituição, pública ou privada, portuguesa ou brasileira, trabalhou razoável ou continuamente pela circulação em Portugal dos poetas ou da poesia brasileira. Por isso não admira que esta chegue a terras lusitanas de forma tão aleatória, e às vezes tão desfasada, truncada e equivocada. Poetas há quase completamente desconhecidos mesmo quando já decorreram alguns anos sobre a sua morte; é o caso de Oswald de Andrade, José Paulo Paes, Paulo Leminski. Há tendências, grupos, ou movimentos poéticos brasileiros quase completamente ignorados; é o caso da poesia marginal e da poesia nordestina de cordel. Se em Portugal apareceram algumas primeiras edições de livros importantes de Murilo Mendes ou de João Cabral, parece estranho que sejam tão raras, e que outros livros importantes de importantes poetas (Bandeira, Cecília, Jorge de Lima, Vinicius...) não circulem em edições portuguesas. De qualquer modo, é evidente que a poesia brasileira, que no séc. XIX ainda

era frequentemente uma poesia marcada sobretudo por modelos portugueses, passou no séc. XX a marcar decisivamente a poesia portuguesa, sobretudo pelo lado da invenção ou da desenvoltura linguística e estilística, contribuindo alguns poetas brasileiros (Bandeira,

Drummond, João Cabral...), não menos que franceses, espanhóis, ingleses, americanos, para a revitalização, para a renovação ou para a inovação da expressão poética na pátria de Camões e de Fernando Pessoa, e associando-se a portugueses e africanos para que a poesia em língua portuguesa nem em quantidade nem em qualidade seja inferior à que se produz em qualquer outra língua.